CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
À FLOR DA PELE
26 de agosto de 2025

SOMBRE / 1998

Um filme de Philippe Grandrieux

Realização: Philippe Grandrieux / Argumento: Philippe Grandrieux, Sophie Phillières e Pierre Hodgson / Direcção de Fotografia: Sabine Lancelin / Direcção Artística: Gerbaux / Música: Alan Vega / Som: Ludovic Hénault / Montagem: Françoise Tourmen / Interpretação: Marc Barbé (Jean), Elina Löwensohn (Claire), Géraldine Voillat (Christine), Coralie (a primeira mulher), Maxime Mazzolini (criança), Sadija Sada Sarcevic (mãe de Claire), Tony Baillargeat e Marc Berman (os homens no baile), Martine Vandeville (mulher na estrada), etc.

Produção: Zélie Productions / Produtora: Catherine Jacques / Cópia em 35mm, colorida, falada em francês com legendagem eletrónica em português / Duração: 112 minutos / Inédito comercialmente em Portugal. Exibido pela primeira vez em Portugal na Cinemateca Portuguesa, a 30 de Ouutubro de 2000, integrado no ciclo "Novíssimo Cinema Francês".

***

Quando se estreou em França, por alturas do início de 1999, **Sombre** provocou um daqueles debates extremados e inflamados como cada vez há menos. Uns puseram-no nos píncaros (foram, essencialmente, os *Cahiers* e os *Inrockuptibles* quem defendeu o filme de modo mais encarniçado, mas também Raymond Bellour publicou mais tarde, na *Trafic*, um belíssimo ensaio a ele dedicado), outros arrasaram-no (qualificando-o de "lixo" ou de "pornografia"), numa questão praticamente sem meio termo. Mesmo com esse capital de polémica que normalmente faz maravilhas pela promoção dos filmes, **Sombre** acabou por não estrear comercialmente em Portugal. Vimo-lo aqui, na Cinemateca, por ocasião de um ciclo de Novíssimo Cinema Francês em Outubro de 2000, depois uma segunda vez em 2002 num contexto de filmes dedicados a "monstros", porque, sem dever uma vírgula à gramática clássica do cinema, **Sombre** pertence por inteiro à mesma tradição poética que, noutros tempos, deu origem a alguns dos mais célebres títulos dessa vasta tradição (que em muito transcende o género do "terror") do "filme de monstros") – as afinidades e as evocações, para quem as quiser/souber ver ou fazer, estão lá, à vista de todos.

Philippe Grandrieux (nascido em 1954), assinou aqui a sua estreia no cinema, depois de um percurso iniciado na vídeo-arte, mais tarde continuado na realização de "objectos" vídeo para o canal Arte (em cujo âmbito chegou a colaborar com nomes tão acima de suspeita como Robert Kramer ou Robert Frank). Depois de **Sombre**, dirigiu três longas-metragens de "cinema normal", todas igualmente inéditas comercialmente em Portugal (mas pelo menos **Un Lac**, de 2008, viu-se aqui, nesta cinemateca). Dados o "background" e a formação artística de Grandrieux, não espanta que uma das mais evidentes marcas de **Sombre** seja a preocupação com um trabalho sobre a plasticidade da própria superfície da imagem – luminosidade, cromatismos, tudo concorre para uma atmosfera de estranheza nada ortodoxa, que nalguns casos estará estado na origem da recusa liminar do filme (a velha cantiga do que se "pode" e do que "não se pode" fazer em cinema). Quem ultrapassar isto, for capaz de ver o cinema como outra coisa para além de um conjunto de regras, prescrições e proibições, e entender que o essencial se joga na orgânica interna de um filme, não se deixará em princípio afastar por razões tão superficiais (passe o trocadilho).

Até porque, se quisermos ir por aí, a estranheza visual de grande parte do filme até tem um correspondência narrativa mais ou menos directa, e portanto "orgânica". Nesse ponto, **Sombre** é um filme que manda às malvas quaisquer preocupações de realismo "documental": o mundo, aqui, não é um dado objectivo, mas um reflexo distorcido por um olhar, e essa distorção (que podemos, se o quisermos, associar ao olhar do protagonista Jean, de modo não muito diferente da relação que é possível estabelecer entre o aparato visual do **Moloch** de Sokurov e as suas personagens: o ponto de vista do Mal) é a porta de entrada imediata no filme. Nada nos prepara para essa entrada – ou se dá logo, ou não se dá.

Mas esta conversa afasta-nos um pouco daquilo que vale mais a pena salientar no filme de Grandrieux. Pode-se começar pela "pornografia", por exemplo. E pela constatação de que semelhantes acusações são um pouco a repetição das que recaíram, há mais de sessenta anos, sobre o **Peeping Tom** de Michael Powell. **Sombre** é tão "pornográfico" como **Peeping Tom**, e a outro nível tão explícito hoje quanto o filme de Powell o podia ser em 1960. E se Michael Powell se referiu ao seu filme como um "filme doce", Grandrieux podia dizer o mesmo de **Sombre**, já que o olhar que lança sobre o protagonista-psicopata é da mesma ordem. Aliás, os paralelismos entre os dois filmes podem ser levados um pouco mais longe: em **Peeping Tom** (lembre-se a sequência inicial, pré-genérico) também se entrava directamente no filme pelo olhar do protagonista Mark, e a câmara subjectiva (mesmo que "justificada" pela câmara-objecto utilizada pela personagem) era um recurso várias vezes utilizado, como em **Sombre** (é de maneira subjectiva que descobrimos aquilo que Jean faz, e não faz, às mulheres); em **Peeping Tom** a impotência era o fantasma, o "off", que assolava o filme, tal como em **Sombre**; o trajecto narrativo dos protagonistas de ambos os filmes é paralelo, com os assassínios em série a prosseguirem até esbarrarem com uma mulher que, por alguma razão, faz bloquear o processo (aqui, Elina Löwensohn, filmada nos antípodas da maneira deserotizada em que Hal Hartley filma as mulheres, equivale à personagem de Anna Massey no filme de Powell).

Se o parentesco parece evidente (mesmo que **Sombre** seja um filme "descinefilizado", sem referências expressas nem piscadelas de olho), ficar por aí é curto. Porque **Sombre** não remete para o cinema, mas para um universo mítico, romântico e onírico – o mesmo universo, sejam quais forem as fontes culturais directamente associáveis, que sobretudo nas primeiras décadas do século XX deu alguns grandes filmes à história do cinema (já se evocou **Nosferatu** a propósito do filme de Grandrieux, e francamente não nos parece que seja um disparate). **Sombre** é como um conto de fadas, e a extraordinária sequência de abertura (os espantosos planos dos miúdos, no que primeiro nos parece ser uma sala de cinema e depois descobrimos ser um espectáculo de marionetas – porque por algum razão não se pode falar de "monstros" sem falar da infância, ou vice-versa, como o **Espiritu de la Colmena** de Erice bem sabia) coloca imediatamente o filme nessa pista. No fundo, a sua grande matriz narrativa não anda muito longe da de "A Bela e o Monstro" – e se o quisermos ver por aí, **Sombre** é, como bom "filme doce", uma belíssima história de amor impossível, entre Jean e Claire. E no fim, Jean renuncia a ela por amor (a renúncia é a única redenção possível para a sua monstruosidade) e embrenha-se, solitário, na noite e na floresta, como qualquer monstro de filme ou de conto de fadas.

Essa cena da renúncia, na sua violência feita de ternura, é uma das mais impressionantes do filme. Terminamos destacando outra, igualmente feita dessa mescla de violência e ternura: a magnífica cena, espécie de bailado ébrio ao som de *Bela Lugosi's Dead* dos Bauhaus, em que o monstro Jean salva Claire das garras dos dois monstros (muito mais sinistros, mesmo que muito mais "normais") que ela pensou que a podiam salvar. Muito sinceramente, é difícil encontrar outra cena assim no cinema contemporâneo. E outro filme, também.

Luís Miguel Oliveira